

O guardião do patrimônio

Quem é Marcos Paulo de Souza Miranda, o promotor de Justiça que está à frente da recuperação de mais de 600 peças sacras saqueadas de igrejas mineiras

Glória Tupinambás

O ano era 982. Os mouros invadiam Portugal e queimavam igrejas e imagens de santos. Em busca de proteção, guerreiros cristãos ergueram uma muralha no norte do país e, sobre a porta principal, construíram um altar para Nossa Senhora do Porto, venerada a cada batalha vitoriosa. Nos idos de 1600, o culto à santa cruzou o oceano e ela se tornou padroeira do velho Arraial do Turvo, hoje Andrelândia, no Sul de Minas. Quem acredita em milagres certamente vai dizer que não é por acaso que nessa pequena cidade nasceu, há quarenta anos, um guardião de ícones sagrados. À frente da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico, Marcos Paulo de Souza Miranda ajudou a devolver aos altares mais de 600 peças sacras saqueadas de igrejas mineiras. Parte desse tesouro integra a exposição *Patrimônio Recuperado*, em cartaz até 20 de julho no Museu Mineiro. Capítulos da história de luta pela preservação do barroco também são narrados no livro *O Aleijadinho Revelado*, o 19º da sua carreira, a ser lançado em BH, no próximo dia 25.

A paixão de Miranda pelo patrimônio começou muito antes de ele vestir terno e gravata e assumir vaga no Ministério Público. Adolescente, ao participar de expedições a cavernas, mobilizou-se para ajudar a criar, em Andrelândia, o Par-

que Arqueológico da Serra de Santo Antônio, com 600 pinturas rupestres. Mais tarde, já formado em direito e aprovado no concurso para promotor, foi atuar em Piranga, na Zona da Mata, sede de uma das paróquias mais antigas de Minas. Foi ali que, em 2003, ele atuou pela primeira vez em processos criminais contra quadrilhas paulistas acusadas de saquear peças sacras. O trabalho deu origem ao Grupo Especial de Proteção ao Patrimônio Cultural das Cidades Históricas de Minas, que atuava em trinta comarcas do circuito do ouro e dos diamantes. Em 2005, Miranda se mudou para a capital e fundou a promotoria especializada em patrimônio.

“Estimamos que 60% das peças sacras do estado tenham se perdido”, lamenta Miranda. Segundo ele, há registros de furtos em igrejas desde o século XVIII, quando o principal alvo era a prataria. Mas a Semana de Arte Moderna de 1922 foi um divisor de águas. “Em busca de uma identidade nacional, o barroco e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, se tornaram ícones, e ficou chique ter uma peça dessas em casa”, conta, ressaltando que os saqueadores passaram a procurar o valor artístico das obras, e não apenas o material. Para resgatar objetos, o promotor coordenou, junto com a Polícia Federal e institutos de defesa do patrimô-

nio, dezenas de operações, como a Pau Oco e a Senhora do Rosário. Paralelamente ao trabalho de guardião, Miranda desenvolveu, durante vinte anos, um estudo sobre a vida do maior mestre barroco e patrono das artes no país, Aleijadinho. O resultado da pesquisa, realizada no Brasil e em Portugal, é tema do seu novo livro. Uma das revelações é sobre a real data de nascimento de Aleijadinho. “Não foi nem em 1730 nem em 1738, como se pensava, mas em 1737”, diz Miranda. “Também conto sobre uma exumação clandestina em sua ossada, feita por ingleses, e as influências da família, composta de carpinteiros de corporações medievais.” Uma lição de história. ■

Miranda em meio a imagens resgatadas: luta pela conservação do barroco





FOTOS: (1) MUSEU ANTONIO DE SOUSA; (2) INVESTIGACAO



Joias de Aleijadinho

Conheça as principais relíquias recuperadas na última década

Operações coordenadas por Miranda devolveram a altares de Minas peças do mestre barroco com mais de 200 anos de história. A Nossa Senhora do Rosário (1), original de Pedro Leopoldo, foi resgatada das mãos de um colecionador paulista. O Busto de São Boa Ventura (2) foi recuperado em perigosa ação, com resistência armada. E a Samaritana (3), a única obra de arte civil de Aleijadinho, voltou para Ouro Preto depois de quarenta anos de buscas.